

FACONNECT/ A CASA TOMBADA



Teresa Augusta da Rocha Marques

NARRATIVAS E MEMÓRIAS:

ENCONTROS E AFETOS DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR

São Paulo/SP

2023

FACONNECT/ A CASA TOMBADA

Teresa Augusta da Rocha Marques

NARRATIVAS E MEMÓRIAS: ENCONTROS E AFETOS DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann, com coorientação da professora Juliene Codognotto.

São Paulo/SP

2023



ser professora militante, narradora de histórias é escolher ser espalhadora de sementes em ventres de potes e sapos boiando nas águas das enchentes e um dia se surpreender com o brotar das mais lindas rosas nas barrigas que o mundo objetivo e utilitarista rejeitou...

Poema de referência: Aventura (BARROS, 2018. Pág 47.)

INTRODUÇÃO

O PRIMEIRO ENCONTRO, O PRIMEIRO AFETO

Qual força as histórias podem alcançar e acessar dentro de nós? que poder é esse de conectar pessoas, lugares, desejos, fantasias, sentimentos e destinos? Posso dizer que descobri esse poder muito cedo, quando meu pai acendia um lampião a gás e começava a narrar uma história, não sei quanto tempo esse momento durava, mas o prazer que me envolvia com todas as imagens que iam tomando forma a luz amarelada daquele objeto encantado... Meu pai sentava-se na beira da cama e eu e meu irmão nos banquinhos de madeira que ele mesmo fazia, com seu rosto todo iluminado, passava as mãos no bigode e contava assim:

Era o José e o Mané, dois irmãos que moravam numas terras bem distantes, viviam com o pai, a mãe e mais uma penca de irmãos pequenos, viviam numa pobreza de dar dó, sem lavoura, sem emprego, as criação acabando e a fome só aumentando, um dia José, o irmão mais velho, resolveu que ia sair pelo mundo pra ver se arrumava alguma coisa, não aguentava mais os irmãos se queixando de fome e a mãe e o pai chorando porque não tinham mais o que fazer. José era muito esperto, sabia fazer muitas coisas, se comunicava bem com as pessoas, ia conseguir emprego fácil, chamou o pai e a mãe e disse que no dia seguinte antes do sol raiar ele iria partir e se Deus quisesse não haveria de voltar de mãos vazias. Mané era o irmão mais próximo de José na idade, era grande e forte como um touro, mas, era meio bobo o coitado, fazia burrada atrás de burrada e ouvindo o irmão falar que ia cair no mundo, pulou logo no meio da sala e disse que também ia, começou uma confusão dos diabos, José dizendo que ele não ia e ele teimando, batendo o pé e repetindo que ia e que ia. Até que José deu um último grito dizendo que não - Mané fica pra ajudar o pai e a mãe que estão doentes! - E ele ia sozinho, pois era mais fácil conseguir quem acolhesse um do que dois e dito isso encerrou a discussão.

Na madrugada do dia seguinte José se levantou, comeu um pouco do pirão que estava sobre o fogão a lenha, juntou num saco uma camisa, uma calça, mais um pedaço de pão e saiu. No meio da mata, já ia longe, começou a ouvir uns passos, um barulho de galhos se partindo, olhava pra trás e não via ninguém, teve até medo, pensando que era onça,

pensou até em assombração, fez o sinal da cruz várias vezes, mas mesmo assim continuou o seu caminho, até que chegou numa fazenda, pediu pra falar com o dono, quando o homem saiu pra conversar, gostou logo do José, já tava acertando o serviço, quando num susto, advinha quem apareceu, pulando de trás de uma árvore? Óia! não era mesmo o danado do Mané!

..., nessa hora da história eu era tomada de uma emoção tão grande, meu pai sorria e eu ficava numa alegria e pensava “esse Mané é porreta mesmo, falou que ia e foi!”

Na história muita coisa acontecia, Mané fez muitas trapalhadas, José sempre dava um jeito, ficava muito bravo, mas no fim conseguia afastar os dois dos perigos, das confusões, convencia os patrões com seu jeito honesto de falar. José me dava segurança, eu andaria com ele e confiaria nele como confio em meu pai. Mas, no fim da história...

Depois de Mané ter matado metade do rebanho de ovelhas do dono da fazenda por conta do mé mé delas no seu pé de ouvido, após terem enterrado as bichinhas num buraco bem fundo, ideia de José, para disfarçar o ocorrido, fugiram pela madrugada, antes do malfeito ser descoberto. Na hora de sair José disse pra Mané que depois que saísse cerrasse a porta e saiu na frente, de repente olhou pra trás e não viu o atrapalhado do irmão, achou que o patrão talvez tivesse descoberto tudo e teria mandado prendê-lo, mas de repente se surpreendeu com a cena que viu, Mané subindo o morro com uma porta nas costas, José viu aquilo e não queria acreditar e perguntou “pra que essa porta Mané?” e Mané olhou pro irmão indignado e disse “ué! mas ocê não falou que era pra serrar, fui procurar a serra e não achei, daí arranquei assim mesmo”. José só sabia dizer: “mas você é burro Mané., mandei você cerrar, fechar a porta seu jumento, agora carrega isso aí pra largar de ser besta” E assim discutindo o tempo todo os dois seguiram caminho. Quando José achou que já estavam longe o bastante, já era noite de novo e os dois praticamente não descansaram, resolveu pousar no mato mesmo, José pegou a roupa de dentro do saco, fez uma amarração nos galhos de uma árvore como se fosse uma rede e se deitou, Mané sorriu e disse: “num falei que a porta servia”, botou a porta entre dois galhos mais acima e se deitou também. Os dois pegaram no sono, até que despertaram com um barulho e cochichos que vinham debaixo da árvore que eles estavam, José conseguiu espiar e viu que eram dois bandidos com um saco cheio de dinheiro, fez gestos pra Mané ficar quieto, porque os bandidos podiam estar armados e

eles corriam perigo. Mané dessa vez obedeceu, ficou quietinho, até ouvir a conversa de um dos bandidos que dizia:

- Sabe mano, acredito em Deus não!

O outro respondeu:

- Deixa de blasfêmia cara! Cale a boca que Deus te castiga!

- Castiga nada, só acredito se cair agora, na minha cara um cuspe!

O outro espantado foi logo dizendo:

- Não duvida de Deus não mano.

Nessa hora Mané começou a ficar inquieto, José o mandava calar, mas não teve jeito, ele não se conteve, “onde já se viu, brincar com o nome de Deus!” e ele começou a ameaçar que ia cuspir no homem lá embaixo, José desesperado, vendo a morte de perto, implorava, mas Mané nem deu ouvido, juntou o cuspe na boca, mirou e mandou bem na testa!

Quando o homem sentiu o cuspe, passou a mão, cheirou e falou que mesmo assim não acreditava...

Mané fez xixi, fez cocô na cabeça dos bandidos e por último jogou a porta, pois o homem só acreditaria em Deus se o mundo desabasse em sua cabeça, o barulho foi tanto, que sem pensar direito, saíram desesperados de tanto medo, deixando toda a fortuna para trás, dinheiro o suficiente para José e Mané salvarem a sua família.

Nessa História, repetida tantas vezes, sinto o calor até hoje, aquecendo meu corpo e minha alma, a voz firme do meu pai narrando os acontecimentos, conduzindo a minha imaginação por lugares distantes, me aproximando cada vez mais daqueles heróis, que eu já conhecia e sabia cada passo que eles dariam, mas nada, por mais que era repetido, era sem graça ou monótono, pois tudo era vivo e pulsante como na primeira vez., José me deixava segura com sua sabedoria, mas Mané me dava esperança, uma esperança genuína que brota do sentimento mais puro de que existe uma magia que protege as pessoas honradas, corajosas e principalmente de bom coração.

Nasci e cresci em um bairro da periferia de São Paulo, muito próximo ao Capão Redondo, o Jardim Macedônia, meus pais, Seu Joaquim e Dona Detinha, são imigrantes do sertão

da Bahia, saíram de uma cidadezinha chamada Piripá, vieram como quase todos os nordestinos rumo ao sudeste, para trabalharem, meu pai pedreiro, construiu nossa casa com suas próprias mãos, minha mãe empregada doméstica, não faltava a um dia de serviço, ficou na mesma casa trabalhando por mais de trinta anos. E assim, nesse lugar às margens do centro da grande capital, construíram sua história, sua família. Tudo era muito difícil, transporte público, serviço de saúde, mas nunca passamos fome, sou a filha do meio, entre dois irmãos, brincávamos na rua e quem cuidava de nós enquanto nossos pais trabalhavam era nossa avó materna dona Elizia e as vizinhas, que sempre davam uma olhadinha “pra vê” se fulano e sicrano não “aprontavam” enquanto os pais se matavam na labuta pesada do dia a dia.

Hoje sou professora de história na rede estadual, profissão que escolhi por muitos motivos, mas talvez, o que mais gritava dentro de mim era o de fazer justiça, de ter um lugar que pudesse embalar meus sonhos e os de um coletivo que como eu estava às margens da sociedade, sem voz, sem rosto. Sempre trabalhei nas periferias, junto àqueles tão iguais a mim, tão iguais aos heróis das histórias do meu pai, socialmente frágeis e indefesos, mas que acreditavam no seu sonho e descobriram pelo caminho forças internas e externas que os conduziam ao seu destino e transformação.

Me encontro hoje nas salas de aula da periferia da região metropolitana de São Paulo, de Itapecerica da Serra, mais precisamente, saí do Jardim e vim para o Parque Paraíso, num momento muito diferente daqueles que por falta de luz elétrica meu pai sempre tinha um lampião em casa, os momentos em família também mudaram, as brincadeiras de rua e os buchichos das vizinhas, mesmo nas comunidades periféricas sempre tão desprovidas de tudo, principalmente dos recursos e investimentos do poder público, deram lugar as smart tvs, os smartphones e os videogames. Na escola, porém, poderia ser diferente? Será mesmo tão difícil disputar somente com a palavra os espaços e a atenção dos jovens com tanta tecnologia e imagens instantâneas? E seria possível criar momentos em que ao invés de só falarmos de projetos de vida, como algo tão distante, pudéssemos embalar e nutrir os sonhos de centenas de meninos e meninas a partir das histórias cheias de encantamento e sabedoria e quem sabe, a partir disso “inventar” outras versões de suas próprias histórias, onde o foco seja as forças e não só a realidade dura que se apresenta?

Levanto todas essas questões, pois, a partir das experiências que venho reunindo nesse caminhar me encontro cada vez mais com essas histórias, com esse cruzamento de linhas e destinos, do que contam os contos e do que contam essas histórias de vida de jovens

que por ouvirem sempre as narrativas do fracasso depositadas em seus ombros, não enxergam suas grandes forças, portanto, é necessário nutrir sonhos e afetos dentro do espaço escolar, forjar no fogo de uma luz de esperança um espaço onde o extraordinário, como disse brilhantemente ¹Cristina Ceschi em sua aula aqui na pós, pode acontecer e novas narrativas possam ser alimentadas, tramadas e tecidas por meninos e meninas, professores e professoras a partir desse espaço de encontro.

¹ Atriz formada pelo Bayside College – Austrália e Antropóloga (FFLCH-USP). Em 2014 ganhou o título de mestre em ensino e aprendizagem da arte pela ECA – USP ao apresentar sua dissertação – A Menina, O Cavalo e a Chuva, a Arte de Contar Histórias e a Cibercultura. É fundadora do Coletivo As Rutes e ganhadora do prêmio Artist Links/British Council, desde 2002 trabalha com a interface arte/educação facilitando grupos e criando projetos com o propósito de expandir e aprofundar as possibilidades de desenvolvimento e realização humana por meio da arte narrativa.

Nos presenteou com sua presença marcante na aula do dia 13 de abril de 2023 da Pós-graduação Narração Artística Turma 16.

1. UMA EDUCADORA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO QUE CHEGA CONTANDO...

As histórias sempre acompanharam a minha prática na escola, as vezes preparava com muito carinho esses momentos, geralmente era a minha primeira aula ou então uma reunião de pais, planejamento pedagógico dos professores, mas também contava de improviso, fazia uma roda com os alunos e partilhava com eles histórias inéditas e aquelas que eles queriam ouvir de novo e de novo, repetidas vezes sem nunca se cansarem. E quando penso no poder das histórias como esse instrumento de conexão e afeto me lembro de fatos surpreendentes que podem mostrar o quanto são preciosos e necessários dentro das salas de aula, às vezes, tão frias e esvaziadas de sentido, pois falta paixão e o encantamento que como diz bell hooks pode transformar a sala de aula em um paraíso quando evocamos algo mais profundo entre nós seres humanos, pois:

Para mim, a sala de aula continua a ser um espaço onde o paraíso pode ser concretizado, um lugar de paixão e possibilidade, um lugar onde o espírito tem valor, onde tudo o que aprendemos e tudo o que sabemos nos leva a uma conexão ainda maior, a uma compreensão maior da vida em comunidade. (HOOKS, 2021. Pág. 212)

Essas partilhas, entretanto, podem ser e o acender desse lampião, desse calor que emana da palavra e que alcança, embala e aconchega e que pode levar a lugares que nem imaginamos. Meu primeiro dia numa escola da rede estadual talvez ilustre bem ao que quero mostrar:

² Era uma quarta feira a noite, jogo do Corinthians, numa sala de terceira série do ensino médio, saí pelo corredor estreito, meio confusa porque tinha uma curva no meio do caminho, cheguei em frente a porta que estava aberta, insegura com um livro na mão, o corredor estava um pouco escuro, iluminado pela luz que vinha da sala, dava pra ouvir as vozes dos jovens lá dentro, um frio na minha barriga, coloquei o pé na soleira da

² Iniciei como professora eventual em 2008 na EE Isabel a Redentora situada no bairro Jardim Branca Flor, Itapeverica da Serra São Paulo.

porta, uma vontade de desistir, mas finalmente entrei na sala, falei boa noite, alguns responderam, a maioria estava com o fone de ouvido conectado a um rádio e virados de costas, eu, um ser com menos de um metro e meio, sem saber direito o que fazer resolvi contar uma história, falei “gente vou contar uma história pra vocês!” alguns jovens riram e me perguntaram se era da chapeuzinho vermelho, eu disse que não e iniciei a narração perguntando se eles conheciam um tal de Zé Malandro, que perambulava pelos bares tocando viola e jogando baralho? Foi apenas alguns segundos o tempo em que eles levaram para irem se virando para a frente, um a um e tirando os fones dos ouvidos, os olhos atentos, iluminados, mergulhados naquelas imagens e presentes naquele momento, de corpo e alma. Retomei aquele dia, naquele instante mágico o poder de uma boa história, da força daquele coletivo, que passaram a rir comigo, a partilharem das aventuras do malandro tão comum a eles, pobres, acostumados com a escassez, mas que não “abrem mão” da festa, do jogo e da roda de amigos.

Passado esse primeiro momento as conexões vão acontecendo, acabei por conhecer as histórias de vida de vários deles, suas dificuldades familiares, suas lutas diárias, suas conquistas, seus gostos peculiares e naturalmente também fui partilhando os meus, estabelecendo relações, não só de professora e aluno, mas do encontro entre seres humanos que buscam construir um espaço coletivo onde todos cabem, num processo de um para o outro sem a opressão de um se propor a ser maior que outro, mas em comunhão, num caminhar juntos de quem ensina e aprende ao mesmo tempo de quem aprende e ensina como tão amorosamente nos apresenta o eterno mestre Paulo Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não vale em que para ser se funcionalmente autoridade você necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE. 2023, pág. 95 a 96)

Promover a partir da memória, o entrelaçamento das narrativas (essa força das histórias) com os sentimentos e afetos vivenciados naqueles momentos pelos que ouvem, tecer um fio entre as histórias que mais narrava com a história de Janaina, por exemplo, menina que aos 11 anos vivia longe de sua mãe, que se separou de seu pai e decidiu ir embora para Pernambuco, Janaina gostava demais de ouvir histórias, pedia toda aula, insistia, eu

fazia com ela acordos: “bora fazer as atividades e depois nos sentamos para contar histórias” ela não só cumpria o acordo, como obrigava, como líder que era, a todos os colegas a cumprirem, fazer as tarefas e se sentarem quietinhos pra ouvir. Janaina ainda está na escola, hoje com 16 anos, está cursando a segunda série do ensino médio e está esperando um bebê: O Davi Luca. Ouvir de Janaina o que a fazia querer ouvir aquelas histórias, quais delas ainda se lembra e porque, podem fazer entender como se dão esses vínculos, o significado daquele momento para ela e como a nutriu ou se nutriu efetivamente? quais luzes posso lançar nesse encontro? E que tesouros posso recolher a partir dessas memórias de tantas Janaínas para serem partilhadas, revividas e recontadas para toda comunidade escolar, professores e professoras e para quem se interesse em buscar caminhos para tornar a escola e espaços educacionais um lugar mais vivo, acolhedor e multiplicador de afetos e sonhos.

2. A ESCOLA COMO CAMPO DA EDUCADORA MILITANTE E NARRADORA DE HISTÓRIAS

Tive a pouco tempo contato com um termo que me identifiquei de imediato: “professor militante”, só o título, por si só conversou comigo imediatamente, muito, é claro, por conta da militância política de esquerda, mas, ao ler sobre o assunto, e o autor que me foi indicado para tanto, entendi, de uma forma muito mais profunda os vínculos colaborativos e de amizade que construí nas escolas por onde passei, principalmente dentro da EE Paulo de Castro Ferreira Junior, Jornalista. Escola onde atuo desde 2016 no programa de ensino Integral, implementado em escolas estaduais desde 2012, no caso específico dessa escola, desde 2013 e o que sou e pretendo ser como educadora nesses espaços, pois, professor militante, segundo Silvio Galo, é o professor que, diferentemente do professor profeta, que diante do alto da sua sabedoria diz como tem que ser, esse educador da militância é o agente da ação, que trabalha no chão da sua realidade, que busca observar, ouvir, sentir as pessoas (em especial), mas também os espaços, os silêncios, o professor que não é um agente de fora, é um agente de dentro, que não faz para, que faz com, nesse trecho Galo fala das características dessa militância, de como esse educador não só entende as dificuldades dos estudantes, como as vivencia, sente também em sua carne e daí coletivamente constrói possibilidades:

Por outro lado, podemos pensar no professor militante. Qual o sentido hoje desse professor militante, o que seria ele? Penso que seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente. (GALO, 2002. Pág. 02)

A ação do professor militante, entretanto, não se dá na educação maior, das políticas do MEC, da SEDUC, da diretoria de ensino, e sim na educação menor, como Galo, emprestando o conceito de literatura menor de Kafka, nos situa:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (GALO, 2022. Pág.04)

Insto é, o professor militante é de dentro, do meio da comunidade, que vivencia as dificuldades e forças reais que permeia o chão da escola, das famílias, vínculos, afetos e desafetos, riquezas e misérias que ali se encontram, é acreditar que ali estão todas as respostas, e é partir dessas experiências que se constrói a forma como as diretrizes da educação maior vão funcionar, num processo de baixo pra cima e não de cima pra baixo, o currículo precisa ser trabalhado, mas o como ele será trabalhado depende das necessidades e vozes da escola, da realidade que grita, das histórias que ressoam naquele espaço de ação. E assim vou entendendo com quem me junto, o porquê me junto e sigo escolhendo seguir coletivamente com a militância, na escola do cotidiano, dos desafios diários, com as dificuldades coletivas e individuais, num comboio doido de espalhamento de esperança, fincada não nas nuvens, poeiras idealizadas do vir a ser, mas no realizável e poderosamente transformador do acolher e acreditar nas reais forças que habitam o espaço escolar.

E quando falo em forças, falo também de histórias, das milhares de histórias que habitam um espaço coletivo como uma escola pública da periferia e dos contos tradicionais, com todos os seus símbolos que conversam com cada um de nós e com nossas histórias de vida. E quando junto minha atuação como professora e os contos, posso falar de duas histórias que vem me acompanhado desde muito tempo, uma delas é, sem dúvidas a que mais contei durante minha trajetória, A quase morte de Zé Malandro, que está no livro de recontos de Ricardo Azevedo, Contos de Enganar a Morte.

O Zé entrou em minha vida a partir de uma criança, que durante um momento de leitura livre na ³ACAM (Associação cidadania Ativa do Macedônia) onde atuei durante dez anos como educadora social, fez um desenho e o apresentou para o grupo no momento de partilha das histórias que mais gostaram, o desenho mostrava um homem com uma viola na mão debaixo de uma árvore, e ela contou com tanta alegria aquela história do homem que venceu a própria morte, que essa história entrou e ficou dentro de mim, conversando comigo e com todos os malandros que povoavam a minha história pessoal, era meu pai, meus tios, meus irmãos, meus vizinhos e também a capacidade que todos nós temos, mas principalmente o povo pobre da periferia, de driblar a fome, o descaso do poder público, as injustiças que nos são impostas de todas as formas. O malandro fez parte de muitas rodas de histórias, arrancava gargalhadas e admiração por onde passava, salas de aula (todas as minhas turmas ouviram o Zé), reunião de professores, de pais e de amigos. Toda vez que me sentia insegura e com medo chamava o Zé para estar presente e sempre deu certo, teve um tempo em que ele estava tão próximo a mim que os meninos da escola quando me encontravam na rua me chamavam de Zé Malandro.

Zé se encaixa na educação menor, descrita por Galo, zé se encaixa na luta cotidiana de centenas de jovens da escola pública das periferias de São Paulo, porque o Zé conversa com uma parte interna de nós que precisa ser subversiva, Zé não pertenciam aos padrões brancos e cristãos impostos a nós pela colonização, ele não é do céu e nem do inferno, é da terra e com uma vontade gigante de viver e de existir. E estou falando sim de espiritualidade dentro da escola, estou falando sim de conexão da integralidade dos professores, alunos e gestores desse espaço e chamo a querida bell hooks para partilhar a importância, não da religião, mas da espiritualidade, da organização propositiva das salas de aula para o acolher e promover momentos em que a sacralidade e a cura estejam presentes:

Quando, como professores, criamos uma percepção sobre o sagrado simplesmente pela maneira como organizamos a sala de aula, pelo modo como ensinamos, afirmamos a nossos alunos e alunas que a desconexão não faz aumentar o brilhantismo acadêmico. Nós mostramos que um estudante que é completo pode atingir excelência acadêmica. (HOOKS, 2003. Pág.268.)

³ Associação do Jardim Macedônia, em São Paulo, auxilia crianças e jovens do bairro. Fundada em 1974, a Associação Cidadania Ativa do Jardim Macedônia promove educação complementar e cursos de qualificação

E em outro momento ela ainda acrescenta:

Compartilhei com meus estudantes a base da minha esperança. No ensaio “Educating for Mission, Meaning, and Compassion” [Educação para missão, sentido e compaixão], Rachel Naomi Remen fala sobre educadores como curandeiros que confiam na completude da vida e na completude das pessoas. Ela oferece este pensamento essencial: “Agora, como educadores, não podemos curar as sombras da nossa cultura educando pessoas para serem sucesso na sociedade como ela é. Devemos ter coragem de educar pessoas a fim de curarmos este mundo para o que ele pode vir a ser” essa é a visão da educação transformadora da educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2021. Pág.269.)

A segunda história que mais contei nesse meu caminhar foi “A menina e os brincos de ouro”, uma versão do contador de histórias ⁴José Mauro Brant, essa foi entregue a mim em 2011 quando conheci e passei pela já citada escola Jornalista, que fica na região mais vulnerável da cidade de Itapeverica da Serra e por isso, dois anos mais tarde, foi a primeira escola da região a fazer parte do programa de ensino Integral. Na época lecionava em duas escolas conciliando com o meu trabalho na ACAM.

No Jornalista, escola que já estava inscrita no meu destino como um lugar de aprendizagem intensa enquanto educadora e narradora de histórias, ou como assim dizer: professora/narradora de histórias, já nessa época, possuía uma sala de leitura maravilhosa, com um acervo riquíssimo e quem cuidava da sala era então dona Rose, uma professora readaptada que estava bem perto de se aposentar. Quando entrava nessa sala me esquecia da hora por conta das conversas com dona Rose, folheando livros e lendo histórias. Um dia ela veio com um livro me mostrando essa história e dizendo que se lembrava muito de mim ao lê-la. Descobri rapidinho porque dona Rose me enxergou na história, pois foi uma conexão imediata entre mim e a narrativa, lia e relia, coloquei melodia nas músicas e chorava todas as vezes que chegava o final e Mariazinha se encontrava com sua mãe num abraço de amor e saudade.

Demorou um tempo para conseguir contá-la e fiquei assim, de um lado Zé Malandro, driblando a dor e a tristeza com inteligência e vontade de viver, do outro Mariazinha, na

³ Ator, cantor, autor e diretor teatral com mais de 80 espetáculos no currículo, Brant se define com uma só expressão: “Sou um contador de Histórias”.

luta para não morrer dentro daquele saco, roubada, sequestrada da sua infância e da segurança do seu lar.

Por nutrir uma identificação com a escola pública e a periferia, pois é a minha origem e onde escolhi atuar, sempre estive muito próxima aos estudantes, tanto pela militância como por me sentir à vontade no meio deles, ouvindo suas histórias. Mas quando em dois mil e dezesseis fui para uma escola de ensino integral, o tempo estendido dentro desse espaço, nove horas do meu dia, ampliaram o contato com meninos e meninas e por ser uma escola localizada em um lugar de extrema vulnerabilidade, imprime marcas profundas na vida de cada um e cada uma, a rotina em lares precários, sem saneamento básico, em terrenos invadidos, convivendo muito perto com a criminalidade, a violência, o abandono, a autoestima da maioria deles é muito baixa e os índices da escola são baixíssimos também, é muito difícil manter presente e viva a chama da esperança, do sonho e expectativas positivas em relação ao futuro, a excelência acadêmica é um desafio para toda a comunidade escolar. Estar numa escola como essa, me fez repensar a minha prática como educadora e como narradora de histórias, passei então a esperar a partir do encontro entre pessoas e histórias. Segue-se agora as duas narrativas escolhidas, ressignificadas e esperanças nesse processo:

2.1 Janaína: a menina resistência

Conheci Janaína em 2017, quando ela chegou na turma de 6º ano com seus 11 anos já completos, iniciava-se a segunda etapa do ensino fundamental. Jana, como depois passamos a chamá-la, tinha os cabelos castanhos e ondulados, quase sempre despenteados, as vezes os usava preso, as vezes solto, esvoaçante, tinha nos olhos um brilho de curiosidade e uma sombra de tristeza, estava sempre atenta, falante, mas as vezes algo vinha de repente, a tomava de assalto e ela sentia dores, principalmente no estômago. Jana,

sentia dores em sua alma de criança, e para esvaziar-se, como quem põe para fora o que tá ruim pra não sufocar, ela provocava o próprio vômito, no meio da sala de aula mesmo, causava um alvoroço nos colegas e nas professoras, mas, na maioria das vezes, ao invés de vomitar ela contava suas histórias...

Todos conheciam suas tragédias familiares, sua mãe havia ido embora, foi sozinha para as bandas de Pernambuco, não levou nenhum dos filhos, eram oito, não contava se sabia o porquê, ninguém também perguntava, só dizia que já fazia uns dois anos, que sentia saudade e que de vez em quando se falavam pelo telefone e dava para ver que só esse pouquinho de mãe já fazia ela feliz. Ela morava com o pai e os seus sete irmãos, era criança, mas tinha responsabilidade de mulher adulta, cozinhava, limpava a casa, fazia as compras e o pai a levava e os irmãos para os bailes da comunidade, um dos poucos momentos de lazer que podiam ter.

Mas nossa pequena menina/mulher era mesmo apaixonada por histórias, de todo tipo, história de briga de vizinho, confusão, policia que ia atrás de bandido, espíritos de assombração, fofoca da vida íntima do povo da rua... a sala era bem agitada com ela, na maioria das vezes cumpria suas obrigações escolares, mas não parava um minuto, arrumando um bocado de falação e confusão, batendo nos meninos e por aí vai... Mas, quando chamava pra roda, para ouvir uma boa história, ela se sentava bem quietinha, às vezes colocava as duas mãos no queixo e apoiava os cotovelos na mesa. Descobri isso, graças a Deus e os espíritos de luz das histórias, no primeiro dia de aula com a turma dela, pois é claro, que contei uma história " ⁵A menina dos brincos de Ouro",

⁵ BRANT, José Mauro - Enquanto o sono não vem: E quem quiser que conte outra. 1ª. Rocco. 2003.

lembro-me do encantamento dela, primeiro ela sorriu, meio querendo tirar o sarro, depois achou bonito e caiu num silêncio absoluto até ficar indignada com o homem do surrão que sequestrou a menina, comemorou o fim trágico do algoz e alegou-se com o final de aconchego de Mariazinha nos braços da mãe: "com a roupa limpa, a barriguinha cheia, sentada na cama ouvindo uma história contada a muito tempo atrás, num tempo em que os homens ainda conversavam com os anjos..."

Assim terminei a história aquele dia e ficou pra Janaina um gostinho de quero mais e ela sempre pedia mais, mal chegava na sala e lá vinha ela querendo uma história nova, tinha que negociar com ela: "Jana, hoje tem um monte de tarefa pra fazer! outro dia a gente conta" Ela não se conformava não e dizia:

- Prô, todo mundo vai fazer tudo e daí sobra tempo!

Dizia isso com os cabelos desgrenhados, vestida com uma blusa de moletom cor de rosa com touca e com a mão na cintura, se virava para a turma mandando todo mundo ficar quieto que ia ter história. Alguns até questionavam, mas ela ameaçava, todo mundo tinha um pouco de medo e obedecia.

E assim foram muitas histórias naquela turma, não me lembro de a pequena Janaína dizer que não gostou de alguma delas. O tempo passou, ela foi crescendo e avançando de série, já não se vestia com calças e blusas de moletom, fazia escovava nos cabelos e usava maquiagem, deixei de trabalhar diretamente com a turma dela e entrava lá apenas eventualmente, ela foi mudando, já não insistia com as histórias, embora sempre se lembrava delas, o pai, que ela tanto amava foi preso durante a pandemia de Covid 19, por conta de um crime que tinha cometido no nordeste, e as coisas ficaram bem complicadas na família, a carga pesada de Jana ficou ainda maior, as coisas

de menina-moça iam ficando para trás e dava lugar a mulher que precisava sobreviver. E assim sua infância ia sendo roubada, como com a Mariazinha da história que ela tanto gostava, presa dentro daquele saco, sendo obrigada a cantar, sem ser alimentada, era maltratada, sem carinho e aconchego de mãe.

Jana sobreviveu, hoje está grávida do Davi Luca, um menino que ela sente crescer e revirar em sua barriga que fica cada vez maior, ela não desistiu da escola, está lá presente, ainda traz um sorriso, seu olhar mudou um pouco, as sombras são ainda maiores, hoje sem muita curiosidade, com muitas dúvidas, acredito eu, sobre o seu futuro e da criança que carrega em seu ventre. Jana talvez não perceba a força que tem sua própria história, quantos monstros já enfrentou e venceu, quantas forças mágicas e ocultas agiram no silêncio e não permitiram que ela sucumbisse em meio a tanta escuridão e desamparo.

Um dia disse a ela que se fosse renomear a palavra resistência a chamaria de Janaína e vi seus olhos marejarem de lágrimas, uma outra característica dela que não mencionei é de que raramente chorava, mas nesse dia senti que ela sabia, dentro do seu mais íntimo, quantas lutas já tinha travado e resistido, quantas vezes já tinha reexistindo nessa vida, na dura realidade, com as armas que aprendeu a manejar e com as couraças e fantasias que aprendeu a vestir.

Ao me encontrar com Janaína, eu já tinha vivenciado muitos encontros onde os momentos de narração dos contos tradicionais tinham sido muito especiais e significativos, proporcionando reflexões sobre vários aspectos e construção de vínculos, tanto para mim como para os estudantes, no entanto, nunca havia me deparado com uma sede tão grande de estar em contato com as histórias, pois, apesar de estabelecermos uma boa relação, nunca fomos próximas, na verdade percebia que o relacionamento dela com professores e professoras era muito parecido, tinha brincadeiras, conversas, conflitos, mas sempre havia uma certa distância, e percebi que o maior vínculo e proximidade que ela nutria era

justamente pelas histórias, no fundo eu entendia, quando olhava nos seus olhos no momento da narração eu me encontrava, por várias vezes me revi criança, conectada as histórias que meu pai narrava, aqueles momentos eram como bálsamos, um balanço onde a brisa leve e morna me tocava e tudo parecia ser possível, uma pausa na realidade dura, no sofrimento, no sentimento de se sentir menos, incapaz e não suficiente, naquelas histórias, junto aqueles personagens eu podia ser tudo que quisesse e realizar todos os desejos a partir desses heróis e suas tramas.

E ao observar Janaína totalmente entregue as histórias que ouvia, pude guardar essa memória e refletir sobre as pequenas coisas que enquanto educadora posso fazer e tomar consciência de como são importantes, senão por ter grandes consequência, mas por oferecer um pequeno cuidado e poder gerar vida, assim como o professor Silvio Galo expõe nesse trecho, mostrando que mesmo não tendo consciência, todo o professor que atua junto aos estudantes, olhando pra eles é preocupado e comprometido com a ética que frutifica de alguma forma e em algum lugar:

O professor pode não ter consciência de que age dessa maneira, mas eu acho que quando ele se interroga sobre si mesmo, quando ele se interroga sobre sua prática, quando ele olha para aquilo que ele faz no dia a dia, ele acaba percebendo esse cuidado para com o outro. Uma das coisas centrais na ação dele como educador é essa preocupação com o outro, esse cuidado com o outro, essa tentativa de levar para o outro elementos que possibilitem que o outro atue sobre si mesmo e transforme sua vida, e modifique sua vida para uma condição de mais vida. (GALO, 2022. Pág. 27.)

2.2 Marina a menina Mar

Maryna era uma menina popular na escola, fazia parte do grupo dos estudantes acolhedores, eu tinha acabado de chegar, achei tudo lindo, os estudantes acolhendo outros estudantes e os professores, ouvindo e falando de sonhos e expectativas.

Logo a realidade se impôs e o dia a dia era mais duro do que esperava, os estudantes acolhedores não eram tão acolhedores assim e conquistar um espaço me pareceu mais difícil do que as minhas expectativas vislumbraram. Eu lecionava história, geografia e uma disciplina nova chamada Projeto de Vida.

Na turma da segunda série do Ensino médio, eu era então a professora de Projeto de vida, insegura, pois nunca havia trabalhado com uma disciplina cujo foco era conhecer, refletir, acompanhar e projetar com os estudantes o passo a passo desse projeto, que cabia profissionalização, vida acadêmica e seus sentimentos e emoções diante de tudo isso. Maryna era dessa turma, uma sala com quase trinta jovens, achei-os tão bonitos, cheios de vida e energia como é de se esperar de um grupo de jovens de dezesseis e dezessete anos. Vi logo que gostavam do novo, do desafio, achei de me apresentar contando uma história, cheguei de Zé malandro, enchendo a sala de risos e alegria, depois veio Mariazinha e seus brincos de ouro, com doçura e aconchego, uma de cada lado. No meio dos quase trinta rostos, tinha Maryna, que me olhava de um jeito diferente, sorridente e fez algo que me surpreendeu muito: me escolheu para ser sua professora tutora, no programa de Ensino Integral adotado pela secretaria estadual de educação, esse professor atuaria como um auxiliador desse estudante, ajudando-o a identificar suas potencialidades e fragilidades diante do seu projeto de vida, mostrando caminhos, os possíveis desafios, mas principalmente ouvindo-o acolhendo-o. Fiquei realmente lisonjeada com essa escolha, pois, havia professores tão queridos pelos alunos, conhecidos deles, que já tinham construído relações de confiança e vínculo afetivo, no entanto, aquela menina havia

me escolhido, com seus olhos escuros, sua pele clara, seus cabelos castanhos escuros sempre alinhados e escovados, viu em mim algo que eu ainda não entendia o que era.

Nossos encontros foram acontecendo e aos poucos fui conhecendo sua história:

Maryna trazia atrás do seu sorriso grandes inquietações, uma ferida grande, aberta e latejante, sofria a dor do abandono. Sua mãe, uma jovem mulher, na ânsia de amar e ser amada não suportou a vida que tinha e partiu, foi em busca do que acreditava que a faria feliz, deixou os três filhos com o pai e foi. Maryna tinha doze anos e era a mais velha, sua irmã tinha oito e seu irmão caçula apenas três. A menina moça, em pouco tempo, da noite para o dia e sem chance de escolher, passou a cuidar, responsabilizou-se pelo que não poderia deixar, acompanhou o desespero e a dor do pai que se sentia traído, humilhado, e arrastava sua vergonha e tristeza pelos bares e pelos cantos da casa. Maryna buscou forças, foi para a igreja e descobriu-se cantora, louvava com sua voz afinada e doce, clamava pelo amor de Deus em sua vida, derramava-se em choro, transformando a dor em oração e música.

Nesses seus relatos nos momentos de tutoria percebi que se tratava de uma menina mar, hora vinha com suas ondas de doçura, hora reviravolta e tempestade, assim ela entrou em minha vida e fui arrebatada por sua história e pelo seu amor, ficava admirada com a força que vinha dela, pois, mesmo nos momentos de dor dilacerante ela ainda cuidava com zelo dos cadernos, das tarefas e responsabilidades escolares. Buscava sempre ser justa com colegas e professores, mas "batia boca" que era uma beleza, dava na cara se precisasse e como ela mesmo dizia "baixava a cabeça pra ninguém não!" E lá ia eu como tutora mediar os conflitos com Maryna e sempre dava tão certo, a escuta, a fala, o refletir e tudo se resolvia da melhor maneira possível.

Essa era Maryna, essa era minha menina mar, um dia ela olhou para mim e disse que precisava contar algo, no horário da tutoria, que era a hora do almoço, nos sentamos num canto, no corredor próximo a sala dos professores onde costumávamos ficar, tinha uma mesa redonda e ali nos sentamos, ela estava envergonhada, queria falar, mas tinha dúvidas se seria acolhida, até que com um sorriso bem tímido e as bochechas rosadas me disse:

- Teresa, não sei o que vai achar disso, mas amo uma menina! Nós temos um relacionamento já faz um tempo e o nome dela é Ana Marta.

"O meu Deus!" pensei naquele momento, no tamanho da minha responsabilidade de estar ali, de ouvir e abraçar aquela menina, de acolher com amor quem ela era, de fortalecê-la diante de uma sociedade cheia de ódio e hipocrisia. Nada falei, só a recebi em meus braços e ficamos ali um tempo abraçadas, meu coração cheio de alegria pela confiança depositada e ao mesmo tempo pedindo forças para ter uma palavra, um gesto se que para dar a ela se precisasse.

Depois da revelação, Maryna passou a me relatar que conheceu Ana na igreja, ela era um pouco mais velha que ela, mas já era pregadora, era uma estudiosa da bíblia, trazia muitas passagens de cor, tinha uma espiritualidade muito grande e conduzia com muita força e fé os grupos de oração, porém, mesmo relutando, o amor entre as duas aconteceu, um olhar, uma brincadeira, um toque, um beijo...

Foram falar com a pastora e daí começou também o tormento, as humilhações, as perseguições, as condenações, o amor virou vergonha, os olhares que antes era de admiração, pela voz linda que saía da boca de Maryna e pelas pregações potentes que vinham da boca de Ana, passaram a machucar, talvez mais que palavras. A igreja, um espaço que acolheu, agora rejeitou, o amor entre duas meninas não cabia ali, tentaram se afastar uma da outra, mas acabaram se afastando da igreja e a menina mar se juntou com a Ana, um Mar e Ana, Mary e Ana - MARYANA - uma força só, unidas, são resistência, não por escolha política, mas por essência e assim o amor seguiu vencendo, semente que brotou e virou árvore, jamais perderam a fé e seguem juntas no balanço do ir e vir das ondas do amor, quebrando barreiras, encontrando espaços, se estabelecendo, não pela força, mas pela persistência.

Posso dizer, sem medo de errar, que dos encontros que tive na escola, talvez o mais potente tenha sido com Maryna, pois ela me ensinou que eu era livre para amar na escola, livre para amar sem comprometer o meu olhar e a minha função como professora, sem

comprometer o meu discernimento, amar e continuar a agir com responsabilidade e cuidado com o estudante, de forma integral, academicamente e emocionalmente. Quando a conheci ela se apegou tanto a mim, que tive medo, tive dúvidas se daria conta de ser a presença que ela precisava, sem tomar um lugar que não era meu, sem querer resolver por ela os problemas que se apresentavam, tive medo de perder a objetividade da minha função, mas felizmente, segui minha intuição e deixei ser conduzida pelo afeto que a mim era dado e a querida bell hooks veio me mostrar que além de ser possível essa relação de amor e afeto dentro do espaço escolar, ela ainda potencializa e abre as possibilidades do aprender quando cuidamos também do emocional dos estudantes com o mesmo zelo com o qual cuidamos de sua vida acadêmica:

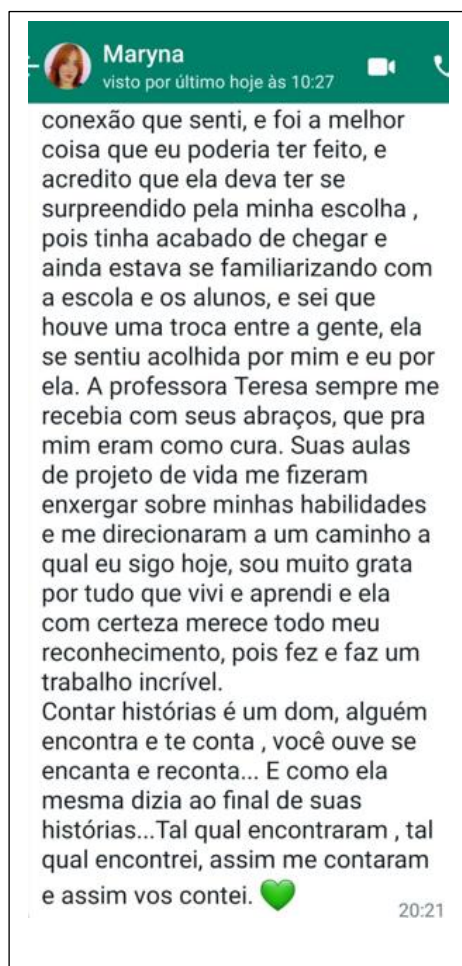
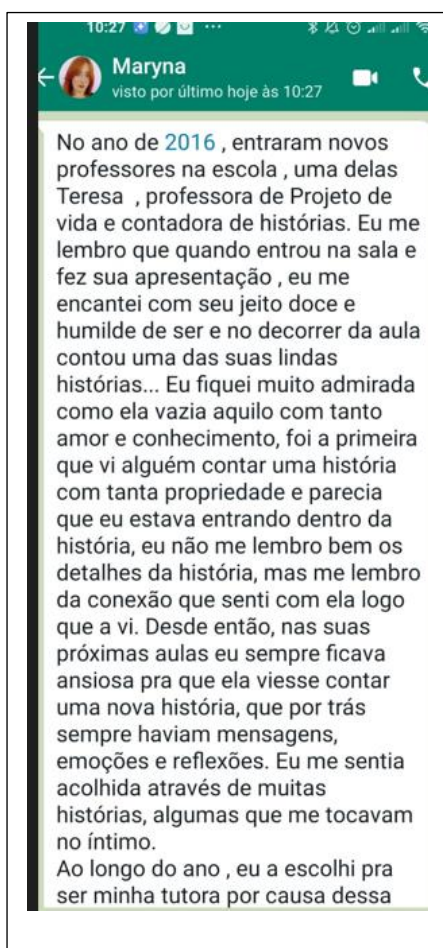
Assim como todo professor e professora zeloso, eles percebem que, para ter sucesso na sala de aula (sucesso, aqui, encarado como grau de abertura para que estudantes aprendam, retomando o significado da raiz da palavra “educar”: conduzir para fora), precisam nutrir indiretamente, quiçá diretamente, o crescimento emocional dos estudantes. Esse zelo, tanto emocional quanto acadêmico, é o contexto no qual o amor desabrocha (HOOKS, 2021. Pág. 204)

E desabrochando esse amor como diz bell, acolhemos esse estudante de forma abrangente, olhando para os seus conflitos, sejam eles grandes ou pequenos, de cunho interno e existencial ou social, abrimos um espaço onde esse ser humano passa a pensar que se o educador pode ouvi-lo, compreendê-lo, ele pode pertencer, entende que sua diversidade é positiva, pois, ele cabe e sua voz poderá ser ouvida, tudo que ele tem para oferecer ou pode desenvolver serve para o mundo e para as pessoas, ele não caí na ilusão de que precisa se espremer para estar em um padrão, o amor entre professor e estudante liberta para a construção de um mundo para a diversidade, me emocionei quando li esse trecho no livro, percebi a importância social e política de estar conectados verdadeiramente com os estudantes, oferecendo todo cuidado e respeito:

Quando seus pequenos conflitos internos não são reconhecidos e nem acolhidos, estudantes nessas circunstâncias podem ou aderir implacavelmente ao status quo (isto é apegar se ao modo como as coisas sempre foram, repudiando qualquer forma de engajamento com a diversidade), ou cair em estados debilitantes de apatia e depressão. Para evitar estresse e conflito elas acabam por se fechar. Professores e professoras que oferecem cuidado e respeito, dois componentes do amor possibilitam a estudantes lidar abertamente com a dor e receber afirmação e apoio. ((HOOKS, 2021. Pág. 208)

Maryna compartilhou comigo sonhos e anseios, confiou suas confidências, suas dores e alegrias a uma professora que ela mal conhecia, mas se sentia conectada, abraçada e acolhida

Ela nunca me disse que foi marcada por uma história específica, mas por várias delas, talvez, ela tenha sido marcada pela força que vinha das narrativas, seus símbolos que conversam com um lugar na gente, que as vezes nem conseguimos identificar e assim quando a indaguei sobre o que a teria feito me procurar para ser tutora e querer uma proximidade ela me relatou:



E AO FIM, CHEGUEI ASSIM...

Zé e Mané, caminharam comigo desde muito pequenininha, lembro-me que na penumbra eu via suas imagens lutando para sobreviverem, esperando um milagre para que pudessem voltar para casa e levarem para família o “de comer” como dizia minha vó, e eu queria, assim como eles, não perecer e encontrar no fim da jornada um saco de moedas de ouro debaixo da árvore, largado lá por malfeitores que fugiram com medo da condenação divina, e saíram correndo para nunca mais voltarem.

Guiada pela luz do lampião do meu pai cheguei até aqui, trazendo a minha história, de menina não branca e cabelos encrespados, de voz silenciada pela vergonha de me sentir menor e menos importante, filha de dois baianos caboclos, imigrantes em busca de trabalho, filha de mãe que trabalhava fora e pega ônibus lotado, história de periferia, das margens da grande São Paulo.

Quando entrei na educação formal, na secretaria da educação do estado de São Paulo, e principalmente quando cheguei ao Parque Paraíso, periferia de Itapeverica da Serra, quem me acompanhava mais de perto eram as histórias de Zé Malandro e Mariazinha e a partir deles, não só, mas principalmente, construí conexões com os estudantes que ali estavam, todos os dias no chão da escola ouço trechos de histórias de meninos e meninas, é uma troca diária de energias, de olhares, de falas e silêncios, e nesse espaço de escolarização, persistir em promover afetos nesses encontros se faz tão necessário quanto ensinar qualquer conteúdo programático, pois, o espaço escolar não é ameno, é cruel e violento, a maior parte do tempo, para estudantes, professores e gestores, um lugar que mais aprisiona do que liberta, cheio de grades para conter, fileiras para enquadrar, muito pouco se faz para o alçar voo, para romper e sair pelos ares sem ninguém poder segurar, tudo isso fica muito mais visível quando a escola é periférica, cheia de estudantes pretos e pretas.

Me percebi então uma professora militante que lança mão da artilharia pesada das histórias, espalhando-as nas salas de aulas, corredores e sala de professores, cada conexão, cada afeto trocado, é uma força, um erguer de voz, um “esperançar”, que não vem do esperar, mas do agir, do responsabilizar-se e do cuidar da inteireza. Caminhei

aqui com Silvio Galo, Paulo Freire e principalmente bell hooks com quem me identifiquei profundamente e embasaram essa luta constante de uma professora narradora de histórias, pois cuidei de não separá-las mais, não é uma e depois a outra, professora e depois narradora, elas estão juntas e por isso pude me aproximar de Maryna, pude experimentar amar e me comprometer como educadora com os meus estudantes, pude trazer para Janaína bálsamos para sua realidade tão difícil, pude juntar e amplificar as vozes miúdas que ecoavam na escola daqueles tão iguais a mim, tão iguais aos personagens das histórias narradas por meu pai, tão valentes, tão corajosos, que me ensinam tanto, que me fizeram de mim não só uma professora melhor, mas um ser humano melhor, cada vez que um deles se ergue, eu me ergo junto com eles, cada vez que cada um deles morre, morro junto com eles.

E assim encerro essa jornada, para abrir outras, nunca mais serei a mesma e nem voltarei para o lugar que estava, sinto que as partes estão sendo conectadas e a minha principal fonte, a minha principal força, de onde tiro a nutrição para dar conta de mais um dia, para não esmorecer e perecer, são as histórias dos malandros e malandras que driblam com destreza as mais difíceis situações de abandono, das meninas e dos meninos que resistem às suas infâncias sendo roubadas e conseguem voltar pra casa, permanecem, e insistem nos sonhos e no direito serem e existirem, chamo aqui para encerrar comigo um militante poeta, que define minha caminhada dentro da escola no nutrir os encontros de afetos:

É por Amor!

É por amor!

*Sim, é por amor à vida que cantamos
e tantas vezes choramos também.*

*É por amor à vida que estamos lutando
e vamos andando lentamente para buscar a luz
e a liberdade das manhãs de sol!*

É por amor!

*Sim, é por amor à vida, evidentemente,
que encaramos de frente essa imensa dor
que se nos impõe nesse reinado amargo do ódio presente!*

É por amor à vida

que estamos nas ruas, nas praças, nas estradas

e gritamos palavras de ordem de uma nova ordem!

Sim, é por amor

*É por amor à vida que marchamos nas madrugadas
De lua nova levando nos braços a fúria das tempestades
Prontos a resgatar a terra que nos tomaram.*

*Vamos replantar as flores e as sementes
Que há séculos estão em cio!*

É por amor!

*Sim, é por amor à vida que profundamente doloridos
recolhemos em nossos braços
os que foram brutalmente feridos
e quando já não podemos devolver-lhes a respiração
nós comungamos de seu sangue e os fazemos ressuscitar
em milhares de vidas e sorrisos!*

É por amor!

*Sim, é por amor à vida que escrevemos nas pedras
os poemas da esperança rebelde
que pichamos nos muros e nas portas
as frases corajosas de um futuro novo
que dançamos nas festas de sábado
no batuque do carnaval de um povo livre!*

É por amor que nos abraçamos

*Que nos beijamos na esquina e já não tememos
Andar de braços dados seguindo a bandeira da paz
E da ternura consequente!*

É por amor!

*Sim, é por amor à vida
Que desesperadamente amamos!*

⁶(Zé Vicente - 1981)

⁶ Zé Vicente é natural de Orós, Ceará, poeta, lavrador, compositor, cantor. Compõe desde 1981, fazendo de suas criações e voz, expressão de identidade e afirmação cultural, não só para o povo brasileiro, mas também para os povos dos lugares por onde tem passado, na América Latina, na Itália, na África do Sul. (<https://www.last.fm/pt/music/Z%C3%A9+Vicente/+wiki>)

REFERENCIAS QUE CAMINHARAM COMIGO NESSE PERCURSO:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. 85. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HOOKS, Bell. Ensinando Comunidades: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

GALO, Silvio. Em Torno de uma Educação Menor. Educação e realidade, 27(2):169-178 jul./dez 2002.

GALO, Silvio. O Professor Militante. Coleção Dez por Cento. São Paulo: Pedro e João, 2021.